

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

As mentiras que contamos para nós mesmos

Ana Cristina Cunha
cris0708@gmail.com

O ser humano adora dizer que é livre. Grita isso em tatuagens e posta no feed... Mas a ironia é que todos nós somos escravos — mais do que gostaríamos de admitir — das pequenas obsessões e de vícios.

O vício é ardiloso. Não se apresenta como algo que vai te consumir, mas como aquele amigo que diz: “relaxa, só hoje”. Só que esse “hoje” vira rotina, e a rotina vira identidade, e, quando você percebe, já não sabe quem seria sem aquela dose, aquele trago, aquele clique, aquela compra, aquele beijo.

O vício não se limita ao álcool ou à nicotina. Ele se infiltra onde a dor encontra espaço: na comida, no trabalho, nas compras, na academia, no celular. Onde houver um vazio, o vício cava a nossa cova.

A mente humana, essa máquina brilhante e falha, foi desenhada para buscar prazer e evitar dor. É um projeto evolutivo eficiente, que nos manteve vivos quando precisávamos fugir de predadores e caçar comida. Mas eis que o mundo mudou e,

agora, o predador é interno — mora dentro de nós, atigando impulsos e minando nossa autonomia.

O ser humano sabe que está se afundando no vício, mas negocia com a própria sanidade: “amanhã eu paro”, “não está tão ruim assim”, “pelo menos eu não sou como fulano”. O vício é uma sequência interminável de pequenas mentiras que contamos para não encarar a verdade maior: estamos fugindo de nós mesmos. Estamos em negação da dor.

Isso não é sinal de fraqueza, mas sim de dor não elaborada, de um afeto não vivido ou de um amor-próprio interrompido. Vício é falta de colo, é ausência de palavra, é vazio que alguém — ou a própria vida — não conseguiu preencher.

No fim, o ser humano não quer o vício. Quer o que ele promete: alívio, amor, pertencimento, paz.

Todavia, se encarmos o grande vilão, talvez possamos, um dia, dizer: “Eu sou livre”. E, dessa vez, não como uma mentira para o feed, mas como uma verdade íntima e silenciosa.

Educação e Cultura de Paz

Evandro Meneses
prof.meneses.em@gmail.com

O ano era 2005 quando, na condição de professor de Literatura, me deparei pela primeira vez com uma proposta pedagógica que envolvia educação e cultura de paz nas escolas. Uma cultura de paz fortalecida, alicerçada, da postura do docente ao vocabulário utilizado.

O desenvolvimento deste trabalho era assinado e firmado por um jovem diretor cuja proposta já vinha enraizada em seu nome: Marcelo Paz. A ideia de juntar educação com uma ação intelectual que prestigiasse os grandes pacifistas, valorizando os grandes exemplos da história, era genial.

Tudo começava na sala de aula que, em vez de números em suas portas, exibia nomes — uma estratégia para fomentar uma prática pedagógica que ia além do convencional, inserindo na vida de seus alunos personalidades humanísticas, independentemente de raça, gênero ou religião. Indo de Madre

Teresa a **Martin Luther King Jr.**, passando por **Gandhi**, **John Lennon** e Jesus Cristo. Tudo isso era extremamente inovador e necessário em um século XXI que se iniciara há pouco e que clamava por paz, como ainda clama.

Essa vertente pacificadora tornou-se um dos pilares desta empresa, o Colégio Darwin, situado nesta Terra Luz de Fortaleza, e que há 25 anos esse espírito cultural e humano só se avigora, sempre embalados pela famosa canção “Paz pela Paz”, de Nando Cordel, trazendo-nos a certeza de que a paz não é produto da guerra e de que, na verdade, ela começa em cada um de nós.

A escola é, por excelência, um microcosmo da sociedade. É nela que crianças e jovens não apenas adquirem conhecimentos acadêmicos, mas também aprendem a se relacionar, a resolver conflitos e a conviver com a diversidade. Nesse contexto, a cultura de paz deixa de ser um conceito abstrato e se torna uma prática essencial e urgente para a formação de cidadãos éticos, empáticos e responsáveis.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

O passado de lembrar

Marnylton Cabral
Graduando em Letras na UFC

Não dá para fugir, afinal, não é? O esquecimento engole os mundos que criamos. Não foi a primeira vez que reencontrei alguém com quem estudei. Atrasado para pegar o ônibus para outra cidade, fazendo as coisas com certa pressa e no automático, chamei uma moto no aplicativo, desci as escadas quase correndo, disse bom dia e o piloto ficou me olhando. Olhei de volta; o reconheci. Estudamos juntos. Ele disse que era impossível não ser eu pelo nome que apareceu na tela. Rimos da situação e, naquela velha conversa de quando encontramos alguém do passado, fomos tentando lembrar nomes, rostos e tudo mais. Ele comentou do casamento, dos filhos, do novo negócio e da esposa. Falei pouco, ouvia.

Quando finalizou a viagem, nos despedimos e fiquei parado um tempo. Talvez nunca mais o veria. Olhei as pessoas ao meu redor. Um cara passava de bicicleta. Uma senhora sentada na parada, com uma saia floral de cores vibrantes. Um homem perguntou se eu queria um táxi; agradei e neguei. Tudo ao redor pulsava narrativas. Nomes que não lembrava, pessoas que esqueci, coisas que vivi e jurei eternas e foram tão efêmeras que hoje... o que eram mesmo?

Lembrei do encontro com uma amiga e nos abraçamos forte. Não sei por quê, mas quis chorar e, genuinamente feliz, segui sorrindo até a esquina. Não faço ideia do que ela fez depois. Encontrei uma grande amiga, com quem compartilhei tantos temores, no banco de um ônibus e não nos falamos; não pertencíamos mais ao mundo um do outro. Lembrei de um balançador feito de pneu e de um poema que escrevi sobre cada uma das pessoas importantes para mim na época e hoje: só três nomes. O esquecimento engoliu muita coisa.

E existem muitos mundos ao nosso redor. O barulho do ônibus encostando no meio-fio me acordou. Não era o meu, mas a senhora subiu. Eu queria muito saber para onde a senhora de vestido floral vibrante estava indo. Ela tinha um cheiro doce de pitanga.



O Tempo só anda de ida

Ari Areia
Ator e jornalista

Quem disse isso, uma vez, foi um velho passarinho que eu gosto de ler: Manoel de Barros, que tanto escreveu poesia sobre quintais, infâncias e coisas com cheiro de casa de vó. O cheiro de café, de feijão novo, de pimenta-de-cheiro, de cheiro-verde, de vela acesa no altar pra Nossa Senhora (das Graças).

“O tempo só anda de ida”... e, quando o tempo começa a riscar com mais força seus vincos no rosto das pessoas que a gente ama, a embranquecer-lhes os cabelos sem mais pudor algum, é aí que o medo da morte começa a rondar, a arrepiar a espinha da gente... né?

Um medo de nunca mais o beijo, nunca mais o catar de cabeça, nunca mais o “Deus te faça feliz” atendendo ao pedido de “benção”.

Nessa mesma toada, o poeta continua dizendo que é isso mesmo a vida, “a gente nasce, cresce, envelhece e morre” e que “pra não morrer, é só amarrar o Tempo no Poste”. Aí ele revela que a “ciência da poesia é isso: amarrar o Tempo no Poste”.

Eu acho que a avó da gente está a vida toda fazendo isso, sabe? Amarrando o tempo, como quem faz um crochê, uma renda, um filó... O tempo pensa que está passando só de ida, mas ele vai ficando também, em poesia.

Que bordado de tempo bonito a senhora deixou na vida de tanta gente, Maria de Lourdes Damasceno, Dona Lourdes Parreira do Pirambu, Vó Lourdes!

Muito obrigado por tudo. Deve ter um lugar onde as pessoas boas se encontram de novo. Até um dia, vó!

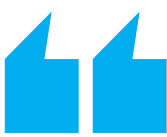
Votos anistiados

Paulo Roberto Cândido
Ex-Correspondente mestre **O POVO**

Apoiar ou não um processo de anistia para pessoas condenadas por tentativa de golpe contra a democracia leva-me a pensar na grande quantidade de votos que são sufragados nas urnas eletrônicas e que poderiam também ser anistiados.

Eleitores conscientes, eleitores comercializados pelo quociente eleitoral, eleitores hipnotizados pelas redes sociais e pelas redes de intrigas, eleitores engabelados por falsas promessas ou por fartas conversas fiadas, eleitores com um olho nas pesquisas e outro na tecla verde ou branca, enfim, eleitores de todos os matizes votantes que vão exercendo os seus deveres cívicos e políticos, devem ter seus votos anistiados por possíveis omissões, por ignorância partidária, por necessidade financeira, por revolta momentânea, por ingenuidade midiática, por falta de melhores quadros na disputa, por causa da memória curta ou por uma série de outros motivos que garantam um pedido de anistia geral e irretirada para todos os votos.

Afinal de contas, no Brasil ainda está faltando um novo MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização Legislativa, capaz de educar o caráter de quem vota e de quem será votado para legislar; de elucidar consciências para discernir entre candidatos corruptos e não corruptos; pois a maioria do eleitorado não tem culpa por ainda não ter a capacidade de votar com a razão, em vez do coração ou do tostão.



Afinal de contas, no Brasil ainda está faltando um novo MOBREAL